



## CORREIO BRAZILIENSE

## AS MARCAS DO ABUSO SEXUAL



MANUELA, 35 ANOS: ABUSADA NA INFÂNCIA PELOS NAMORADOS DA MÃE

# Confissões de família

O MAIS SILENCIOSO DOS CRIMES ACONTECE DENTRO DE CASA, CONDENA AS VÍTIMAS A UMA DOR SEM DESCANSO, DESTRÓI LAÇOS AFETIVOS, DESRESPEITA A DIGNIDADE DA CRIANÇA E MANTÉM O CRIMINOSO PROTEGIDO PELOS QUE SEMPRE CALAM. A MAIS DESPUDORADA DAS VIOLÊNCIAS COSTUMA SER MANTIDA EM SEGREDO E É DISSO QUE ELA SOBREVIVE. POR MUITO TEMPO. ÀS VEZES, PARA SEMPRE

TEXTOS: MARIA CLARICE DIAS, JULIANA CÉZAR NUNES E MARINA OLIVEIRA // FOTOS: RICARDO BORBA

**FERNANDA\***, AOS 12 ANOS, começou a ser violentada pelo padrasto. A mãe, depois de um tempo, também participava do abuso. A única coisa que Fernanda tem hoje são os pesadelos do passado e a vontade de dar certo na vida.

PÁGINA 2

**CARLOS** não conseguia parar de mexer na filha mesmo quando ela, chorando, dizia: 'Pára, pai'. Aos 42 anos, sabe que é rápido destruir uma família. E que uma vida inteira pode ser pouco para reconstruí-la.

PÁGINA 3

**MANUELA**, AOS 7 ANOS, teve uma doença venérea na boca. Era abusada seguidamente por namorados da mãe. Hoje, aos 35 anos, alimenta o sonho de proteger uma criança como nunca pôde ser protegida.

PÁGINA 3

**PAULO** se acostumou a brincar com crianças porque tinha vergonha de mostrar o pênis queimado para mulheres. Ele foi denunciado e diz que, se preso, vai virar assassino.

PÁGINA 4

**RODRIGO** foi estuprado pelo tio-bisavô aos 10 anos. Aos 20, questiona se é homossexual por causa do abuso sofrido. Hoje, ao transar, está certo de que nunca será passivo na relação.

PÁGINA 5

**DOS 2 AOS 9 ANOS, ANDRÉIA** foi abusada pelo pai. Aos 15 anos, adora filmes infantis e só brinca de bonecas. Gosta de estudar e sonha ser cientista. Sabe que, para o seu sucesso, terá que guardar a violência sofrida como um segredo.

PÁGINA 5

Os médicos encontraram vestígios de minhocas na vagina das filhas de **MARCELO**, que criava os animais no quintal e mexia nas crianças com as mãos sujas. Marcelo nega o abuso, quer se vingar da mulher e voltar a abraçar os filhos.

PÁGINA 6

**HENRIQUE** foi violentado quando tinha 6 anos. Aos 28 anos, abusou sexualmente da enteada de 6 anos. Teve a chance de se tratar. Hoje, aos 37 anos é pai de um menino. E sabe que, se cometer novamente o crime, tem muito a perder: uma família.

PÁGINA 8





## confissões de família

(AS MARCAS DO ABUSO SEXUAL)

### “Muitas vezes desejava que um dia ele me batesse tanto até eu morrer”

Desde que nasci, morei com uma avó de criação em Campinas. Com 9 anos, decidi vir para o Sul ficar com a minha mãe. Quem sustentava a casa era o primeiro companheiro dela. Eu ia para o colégio, brincava com a minha irmã, tinha amigos, gostava de soltar pipa, jogar bolita (*bola de gude*), montar casinha de boneca. Quando eu tinha 12 anos, minha mãe conheceu outro cara e tudo começou a dar errado. Ele espancou e expulsou o outro de casa. Não sei a data certa em que ele começou a fazer coisas comigo. Chegou carinhoso, dizendo que era um segredo nosso, de amigo, de pai. Só dava abraço. Conte para minha mãe, mas ela não acreditou. Um dia eu disse 'não', ele me bateu e continuou fazendo em mim. Ele me deixava de castigo no banheiro em cima de tampinhas de metal. Eu estava dormindo e ele vinha. Só queria que terminasse logo. Quando ele foi morar lá em casa eu já não estudava. Tinha rodado um ano. Com ele, tudo piorou. Tinha que cuidar da casa, cozinhar, lavar roupa. Depois de um tempo,

ele decidiu colocar todos os podres na mesa. Essa é outra parte complicada. Minha mãe me culpou, disse que eu estava seduzindo ele. Aí começou, como eu vou dizer, uma orgia. Ela participou, chegou a tocar em mim. No primeiro dia da orgia, ele me bateu e trancou a casa toda. Era de noite, não tinha o que fazer. Hoje, acho que foi uma maneira de ela me punir. Fiquei doente, com pedra nos rins e convulsão, internada uma semana no hospital. Quando voltei ele disse que ia parar. Mas continuou. Ele era meu dono, mas eu nunca quis ele. Só não tinha para onde fugir. E, me matar, não tinha coragem. Muitas vezes desejava que um dia ele me batesse tanto até eu morrer. Teve uma época que ele queria me colocar numa casa de prostituição. Os vizinhos sabiam, mas tinham medo dele. Minha mãe contou para o pastor, que não fez nada. Até que um dia uma senhora, amiga da minha mãe, disse que estava precisando de uma menina para trabalhar com ela por um mês. Como era pouco tempo, o cara deixou. Eu contei tudo para ela. Antes de me levar no conselho tutelar, de onde fui para duas casas de passagem, passei em casa. O cara tinha saído e minha mãe me ajudou a arrumar as malas. Eu estava com 16 anos. O pessoal da casa tentou achar meus parentes, um irmão, meu pai que não conheço, o pastor da igreja. Mas ninguém quis ficar comigo. Até que a assistente social, que hoje chamo de madrinha, me

convidou pra ficar com ela. Já estou há cinco anos lá. Consegui voltar a estudar e jogar futebol. Refiz meus documentos, que o cara tinha queimado, estou no 3º ano e quero fazer Educação Física. Já cheguei a ter uns namorados, mas nada sério. Tenho medo de me decepcionar. Não quero contar o que aconteceu para ninguém. Que diferença vai fazer na vida das pessoas? A única coisa que tenho hoje são os pesadelos. Nunca vai passar. Não sei se quero ter filhos. Queria ser uma super-mãe. Não cometer os mesmos erros que ela cometeu comigo. Faz um tempo que não vejo minha mãe. A última vez foi em 1999, em um shopping. Ela continuou a não acreditar em mim. Às vezes, admite e diz que ele estava com diabo no corpo quando fazia as coisas. Fala que não está mais com ele, mas está. Vi os dois em uma festa. Até pouco tempo, eu me sentia culpada por tudo. Até hoje, de certa forma, me sinto. Quando o vejo, sinto ódio. Uma vez estava saindo do conselho tutelar e dei de cara com ele. Aí eu me segurei na minha madrinha, tremendo de medo, e disse: olha ali o cara. Ele veio daquela maneira dele, impondo: 'Tu não vai falar com a tua mãe'. Eu disse 'não, não vou'.

**FERNANDA, 22 ANOS, MORA EM PORTO ALEGRE. A MÃE PERDEU NA JUSTIÇA A GUARDA DA FILHA. O PROCESSO CONTRA O PADRASTO ESTÁ PARADO**

O abuso sexual é uma agressão que esconde uma estrutura cultural machista e conivente com a violência doméstica. Nesse contexto, a criança é vista como uma propriedade dos pais. Não representa um ser humano em processo de formação e descoberta.

Quem sustenta possui os filhos. De dono para abusador, basta um passo. “Ainda mais fácil de ser dado quando a criança tem alguma deficiência física ou mental. Nesses casos, além de exergar a vítima como objeto, abusador age certo de que, se denunciado, ninguém acreditará”, explica a psicóloga Sílvia Helena Koller, coordenadora do Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Sob a coordenação da pesquisadora, os estudantes da UFRGS encontraram adolescentes que fugiram de casa para as ruas. Na maior parte dos casos, eles presenciaram relações sexuais na infância, foram assediados e abusados por pais alcoólatras ou deprimidos por causa do desemprego. Para manter a violência em segredo, os agressores contam com a conivência dos vizinhos, convencidos de que é sempre melhor não se meter na vida alheia.

Outro fator cultural facilitador dos casos de abuso é a valorização exacerbada da sexualidade. As danças infantis há muito deixaram

de ser ciranda-cirandinha para se tornar “bota a mão no joelho e dá uma abaixinha”. Confusos com a curiosidade dos pequenos pelo corpo, os abusadores vêm na coreografia um sinal de desejo das crianças. Quando essa justificativa não é suficiente, encontram no demônio a explicação para o abuso.

Os conflitos entre mãe e filha também contribuem para a violência sexual. A psicóloga Maria Cristina Vasconcelos de Mendonça, coordenadora da Casa de Passagem de Recife (PE), conta que, na maior parte dos casos, as meninas que procuram ajuda vêm de famílias nas quais a mãe vive em busca de um homem capaz de lhe dar tranquilidade financeira.

“Essas mães são mulheres infantilizadas, abusadas no passado, com dificuldade de conversar sobre sexo e que disputam o papel de musa da casa com a adolescente”, descreve Maria Cristina, autora do livro *Pedagogia da Violência, as Relações de Poder entre Mãe e Filha*. A psicóloga atende cerca de 100 adolescentes que participam de oficinas de música, dança e teatro na Casa de Passagem. “Damos a elas o reforço emocional necessário para que elas se defendam da violência no lar.”

### SEXUALIDADE NATURAL

Desde o nascimento, o ser humano tem uma carga de energia sexual. A diferença entre o desejo que surge no desenvolvimento natural para o comportamento que reflete um abuso é a antecipação das fases ou a prática excessiva de algum comportamento. A partir dos 3 anos de idade, a criança entra numa fase conhecida na psicanálise como “genital”. É quando o menino ou menina começam a brincar com o próprio sexo e a querer descobrir a sexualidade dos outros. “As brincadeiras sexuais, desde que naturais, são importantes para a formação sexual dos futuros adultos”, explica Angélica Tavares, psicóloga especializada em sexualidade humana.

### SINAIS EM PALAVRAS E GESTOS

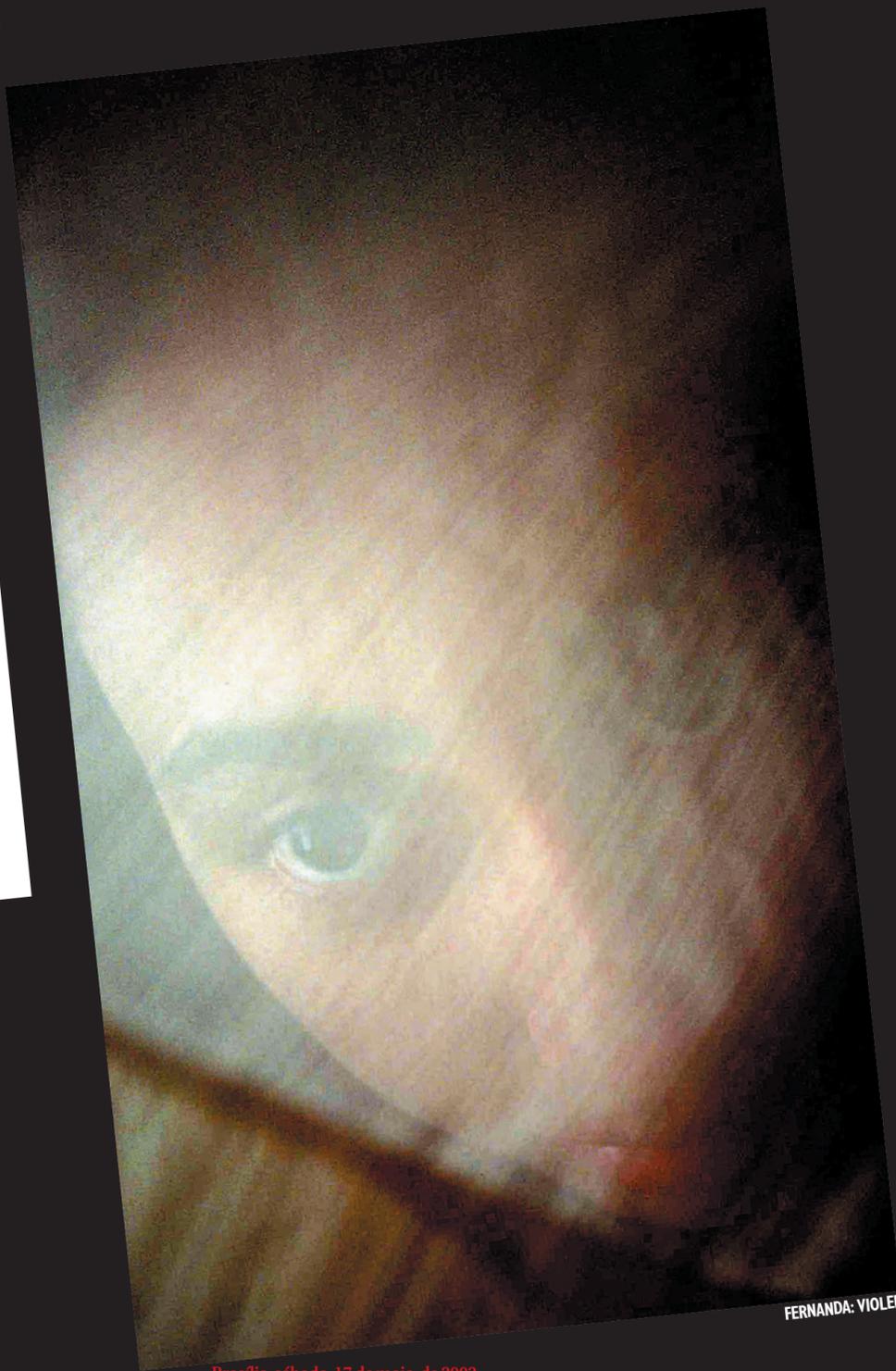
Criança não esconde o fato de ser vítima de abuso. No início, ela conta. Quando se vê descreditada ou desvalorizada, cala-se. Às vezes, a história é relatada com sinais do corpo. Ela passa a fazer xixi na cama, fica muito triste e reclusa de uma hora para outra. Outras vezes, ela fala de uma hora para outra. Outras vezes, ela fala de uma hora para outra. Aos responsáveis, cabe entender e, principalmente, acreditar.

#### Suspeite de abuso se a criança apresentar vários destes sintomas:

- altos níveis de ansiedade
- baixa auto-estima
- distúrbio de sono
- distúrbios na alimentação
- xixi na cama
- distúrbios no aprendizado
- comportamento muito agressivo ou apático
- abatimento profundo
- comportamento sexualmente explícito
- masturbação visível e contínua, brincadeiras sexuais agressivas
- desconfiança em adultos, especialmente os mais próximos
- não participação de atividades escolares, ter poucos amigos
- relutância em volta para casa
- idéias de suicídio
- fugas de casa

(Fonte: Livro *Abuso Sexual — Mitos e Realidades*, organizado pela Abrapia; Editora Autores&Agentes&Associados)

# criança como objeto



FERNANDA: VIOLENTADA PELO PADRASTO AOS 12 ANOS

Brasília, sábado, 17 de maio de 2003



**CORREIO BRAZILIENSE**

## “Um homem que faz isso com a própria filha não pode ser pai”

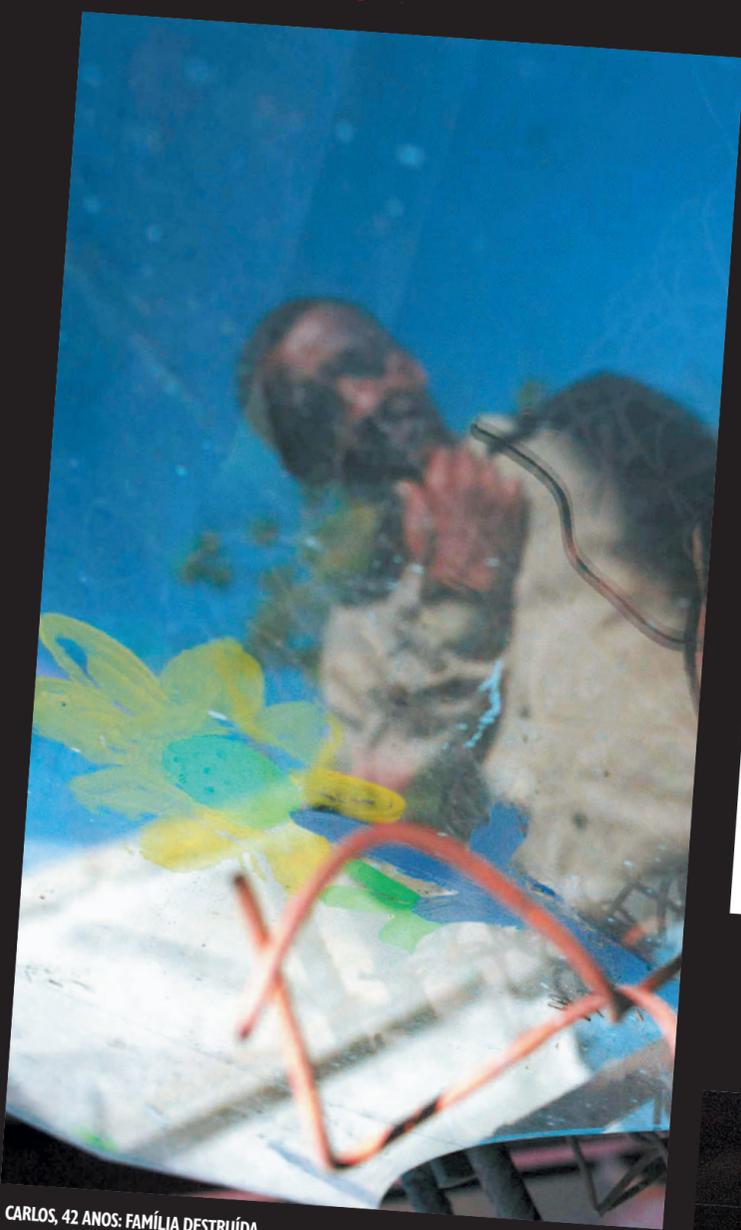
A minha mãe era doméstica. Me criou na casa dos outros. Fui assediado por dois caras de vinte anos. Não me lembro. Só sei que nasci em Porto Alegre e não conheci meu pai. Quando tinha 9 anos, minha mãe faleceu de aborto. Comecei a trabalhar de engraxate, vigia. Com 26 anos eu me ajuntei. Encontrei na minha esposa o carinho de pai e mãe. A nossa filha nasceu dois anos depois. Na época eu já bebia muito. Partii para um relacionamento com a minha filha. Ela tinha uns seis anos. A

bebida me dava aquela coragem. Não pensava. Ia fazendo. Acontecia quando minha esposa não estava. Colocava a menina no colo, conversava, fazia um carinho e passava a mão em tudo. Ela chorava e dizia: pára, pai. Mas ninguém ouvia. Era no quarto, na sala. Foi até os 12 anos dela. Mas nunca penetrei. Era uma menina carinhosa. Posso ter me confundido. Mas nunca fui violento. Um dia ela resolveu contar pra mãe, que me deixou sozinho. Fiquei com raiva da minha filha. Achava que era obrigação dela. Veja como é a cabeça de um louco. Só me dei conta quando senti falta da minha esposa. As pessoas me olham diferente. Não fico chateado. Eu mesmo penso que sou monstro. Mas a terapeuta tem me ajudado. Fico longe da minha filha quando bebo e não enxergo a menina com olhar de desejo. Vejo como se fosse filha mesmo. Não tenho medo de ser preso. Só quero melhorar. Continuo bebendo muito.

Mas com a minha filha acabou. Pra mim é uma marca. Pra ela vai ser pior. No futuro, sempre vai desconfiar do marido. Mas não posso pensar nisso. Preciso ocupar a cabeça, arrumar emprego. Eu peço a Deus para conseguir superar. Em casa, não consigo ter relação íntima com a minha mulher. A gente começa e vem na cabeça o passado. Olha, para destruir uma família, é questão de dez minutos. Para construir, a gente leva uma vida. Às vezes morre sem conseguir. Não sei por que aconteceu. Se estava louco, bêbado. Eu mesmo não posso avaliar. Mas um homem que faz isso com a própria filha não pode ser pai.

**CARLOS, 42 ANOS, MORA EM PORTO ALEGRE E ESTÁ DESEMPREGADO. VIVE COM A ESPOSA E A FILHA DE 14 ANOS. A MÃE, APESAR DE TER DENUNCIADO O COMPANHEIRO PARA GARANTIR A SEGURANÇA DA FILHA, ESPERA QUE ELE NÃO SEJA PRESO**

# Violência nem sempre admitida



CARLOS, 42 ANOS: FAMÍLIA DESTRUÍDA

**U**ns, de tão acostumados com a violência, agredem, batem, estupram e destratam a criança sem perceber que aquilo é errado. Outros, de tão apaixonados por menores, conquistam a sociedade, tornam-se cidadãos acima de qualquer suspeita, mas violam os pequenos do mesmo jeito. O autor de um abuso é, necessariamente, um agressor. Mas raramente admite ter algum problema.

Em investigação para tese de doutorado, a assistente social Catarina Maria Schmicler, da Universidade Federal de Santa Catarina, entrevistou três agressores, todos julgados e presos pela violência que cometeram. Nenhum assume o erro. “Eles são cidadãos respeitados, pais abnegados, que gastam muita energia mantendo uma aura de insuspeição sobre eles”, analisa Catarina. Mesmo diante das evidências de um exame de corpo de delito, eles negam a violência.

Eles jogam a responsabilidade na mulher e no irresistível ‘jogo de sedução’ da filha. “O abusador, por não assumir seu delito, pode repetir a agressão outras vezes”, avalia Vicente Faleiros, pesquisador do Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (Cecria).

O abusador raramente é visto como um homem violento com a criança. Ele manipula, seduz e brinca com prazeres do menor. Ele joga com intenção de fazer da vítima a culpada. Se ela

não deixar, a mãe pode sofrer, apanhar, machucar-se.

Quem abusa, o faz por costume. Aprendeu durante a infância que criança não tem voz. Um agressor pode repetir violência que sofreu quando abusador à realidade de um passado sofrido. Nem sempre quem viola é vítima de violência.

Há os que desenvolvem o desejo por crianças sem necessariamente ter passado por tais “lições”. São os conhecidos pedófilos, pessoas que têm desejos pelos pequenos, julgam-se normais, defendem a pedofilia como opção sexual, como direito que têm.

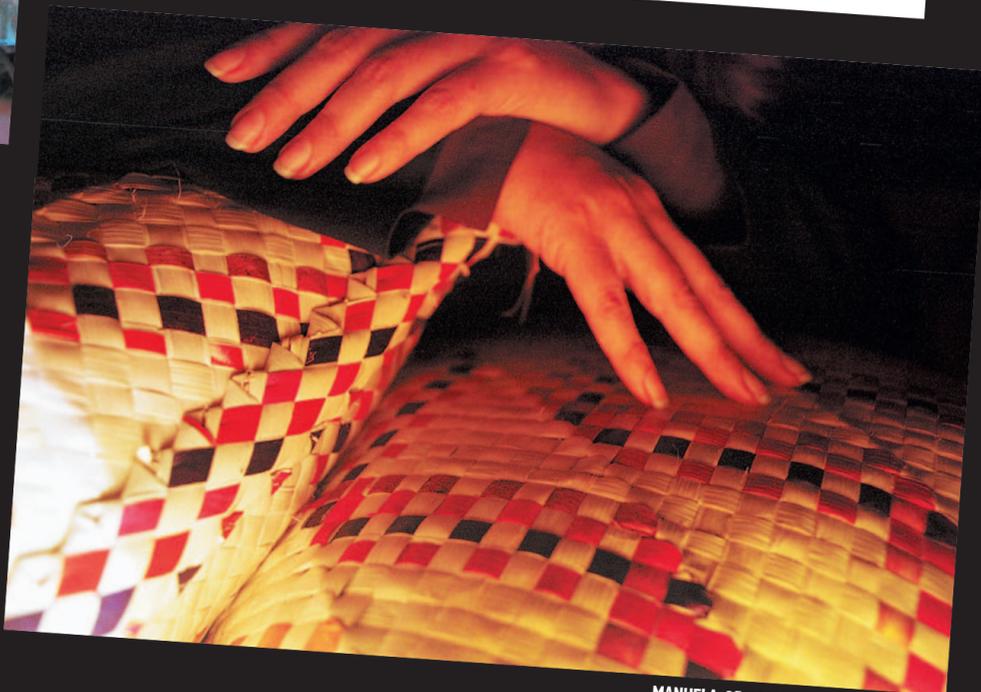
Os sinais de um pedófilo não são facilmente reconhecíveis. “Ele costuma gostar de ambientes onde há crianças, como parques, escolas, creches”, explica Lauro Monteiro Filho, secretário-executivo da Abrapia, Organização Não-Governamental (ONG) que, por 15 anos, manteve um serviço de denúncia de violência sexual. Antes de colocar pais e mães neuróticos, um cuidado: gostar de crianças é mérito, não motivo de julgamento. É preciso somar outros sinais para reconhecer um pedófilo.

É certo que há, naquele homem (quase sempre o abusador é do sexo masculino) ou naquela mulher, um comportamento de desrespeito à vontade da criança. Para ele, ou ela, o menor é um ser que deve respeitar os desejos e ordens dos mais velhos. Eles não aceitam a dignidade dos mais jovens.

### EM FAMÍLIA

- Em **60%** dos casos, a violência sexual é cometida por alguém da família
- **23%** das vezes é o pai,
- **14%** é o padrasto,
- **6%** o tio,
- **5%** a mãe,
- **3%** o irmão mais velho

Fonte: Abrapia



MANUELA, 35: ABUSADA DOS 6 AOS 11 ANOS

## “Quando eu tinha 7 anos, tive uma doença venérea grave na boca”

Nasci em Fortaleza. Minha mãe ficou viúva aos 21, com quatro filhos. A gente se mudou para uma cidade industrial e ela se envolvia com motoristas de táxi, de ônibus, trocador. Como ela trabalhava e estudava, deixava as crianças sob os cuidados deles. Alguns abusaram de mim e da minha irmã. Nem todos fizeram sexo. Uns dois fizeram sexo, sem penetração. Pediam para a gente chupar o pinto deles. Alguns eram da família. Minha avó era casada com um homem mais novo e ele abusou de minhas tias, enteadas dele, de mim e da minha irmã. Uma das minhas tias reagiu a isso e minha avó a tratava como se

ela tivesse visões. Eu nunca contei para a minha mãe. Era tabu na minha família até por causa da minha tia, que era chamada de visionária e mentirosa. E, no caso da minha mãe, tinha também um componente de violência horrível, porque ela era muitas vezes agredida. Eu me considerava mais violentada tendo que separar dois adultos brigando do que ser obrigada a chupar um homem. Esse abuso durou dos 6 até os 11, quando eu vim morar em Brasília. Não quis denunciar porque já era sujeira debaixo do tapete. Depois de muita terapia, eu descobri que existia um prazer envolvido. Mas, a gente sabia que tinha uma coisa muito errada porque os caras falavam: ‘Se você falar isso, eu vou machucar sua mãe, a sua irmã’. Sempre tinha uma ameaça. Com 7 anos, tive uma doença venérea grave na boca. Eu não conseguia comer, apareceu uma úlcera na minha garganta. Foi nessa época que a minha tia viu que havia alguma coisa errada. Anos depois, ela me trouxe para morar com ela

aqui em Brasília. Eu me sentia suja, tinha uma auto-estima muito baixa. Eu me identificava muito com a minha avó, por nunca ter denunciado. Era tão culpada, prostituta, indigna quanto ela. Até hoje eu me sinto assim. Mas nunca agi como uma coitadinha para o mundo. Construí uma imagem de mulher forte. Para mim, até hoje, só existem dois tipos de homem. Ou o homem abusa ou abandona. Aos 31 anos, resolvi ser mãe solteira. Tive uma filha e prometi que daria uma nova referência para uma criança. Só que ela morreu, afogada na piscina da minha casa. Essa construção toda que eu tinha feito, de que a protegeria desse mundo de perversão, morreu. E agora eu estou tentando remendar os pedaços dessa morte. Meu grande tratamento é o de dizer que eu sou uma pessoa digna de amor. Essas marcas eu não posso apagar.

**MANUELA, 35 ANOS, MORA EM BRASÍLIA. É APAIXONADA POR GASTRONOMIA**

# confissões de família

(AS MARCAS DO ABUSO SEXUAL)

## Crime difícil de provar

**A** punição para o abuso sexual contra crianças e adolescentes no Brasil depende de o responsável pela vítima querer colocar o agressor na cadeia. Numa situação na qual o criminoso costuma ser alguém da família, essa exigência prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente elimina, em muitos casos, uma punição. Saulo Bezerra, presidente da Associação Brasileira de Magistrados e Promotores da Infância e da Juventude, estima que, para cada caso de abuso sexual investigado, existam pelo menos outros cinco sem apuração. Uma das principais explicações para a estatística trágica é justamente a necessidade de uma denúncia por parte do responsável pela criança.

Existem dois momentos diferentes na busca por condenação do abuso. O registro de uma ocorrência na delegacia é o primeiro. O segun-

do tem nome técnico de queixa-crime e equivale a uma representação formal de um dos pais afirmando o desejo de punir o agressor.

Entre uma formalidade e outra, o responsável pela vítima tem seis meses para se decidir. Passado esse tempo depois do registro da ocorrência, o crime prescreve (perde a validade). "Há vários casos em que nos procuram para atendimento mais de seis meses depois do registro da ocorrência e não podemos mais tomar providências", diz Héliá Barbosa do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente da Bahia (Cedeca-Ba).

Na maioria dos casos, a falta de provas materiais complica a investigação. O inquérito fica limitado aos depoimentos das testemunhas, sujeitos a alteração principalmente porque uma enorme pressão cultural, familiar e econômica costuma cercar os abusos.

Há um projeto de lei em tramitação no Congresso que permitirá ao Ministério Público investigar e oferecer denúncia nos casos de abuso, independente de representação do responsável pela criança. O governo federal

colocou o projeto em regime de urgência com objetivo de acelerar sua aprovação.

Em dez anos de debate sobre abuso sexual infantil-juvenil, o Brasil também encontrou algumas fórmulas para reduzir a impunidade. Em Goiás, houve aumento no número de condenações depois da criação, há dois anos, de uma delegacia só para receber crianças e adolescentes vitimizados. Somente 12 capitais brasileiras contam com uma estrutura semelhante.

A existência de uma vara especializada para julgar crimes contra menores de 18 anos também já produziu os primeiros resultados. Na Bahia, o índice de condenação para casos de abuso sexual chega a 60%. A agilidade no julgamento dos processos aumentou e o tempo médio de tramitação caiu de 7 anos, na média, para 14 meses. Ceará e Pernambuco conseguiram resultados parecidos com a mesma medida.

### PENAS PARA O ABUSO

O abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes, embora não estejam descritos no Código Penal Brasileiro, são enquadrados dentro dos chamados crimes contra os costumes. A seguir, as principais infrações e as respectivas penas:

• **Art. 213** - Descreve o estupro e se refere aos casos em que há indícios de que houve uma relação sexual completa com a criança. Pena entre 6 e 10 anos de cadeia. Nos casos em que a vítima é menor de 14 anos ocorre o aumento automático da condenação. O estupro é um crime hediondo.

• **Art. 214** - Trata do atentado violento ao pudor. É usado em casos graves de abuso, nos quais não é possível comprovar a penetração. Pena entre 6 e 10 anos de prisão. É também um crime hediondo.

• **Art. 218** - Fala sobre corrupção de menores, uma figura jurídica associada à exploração comercial de crianças e adolescentes. Pena entre 1 e 4 anos de cadeia. Não é crime hediondo.

vítimas e agressores de abuso mal se conhecem. As vítimas, portanto, estão desprotegidas. Os agressores, impunes.

Uma grande surpresa revelada pela pesquisa é a participação das mulheres na hora de levar o agressor à polícia. Cerca de 71% dos acusadores são do sexo feminino.

O atendimento às vítimas do abuso também é falho. Está centrado nos hospitais e nos centros de psicologia. As condições sociais relacionadas ao abuso não são abordadas durante o tratamento das famílias. "Nessa casa, além do abuso, há negligência, alcoolismo, desemprego, poucos quartos e camas para todos. Há dias em que o filho, ou filha, dorme na cama com os pais, irmãs etc", critica Eva.

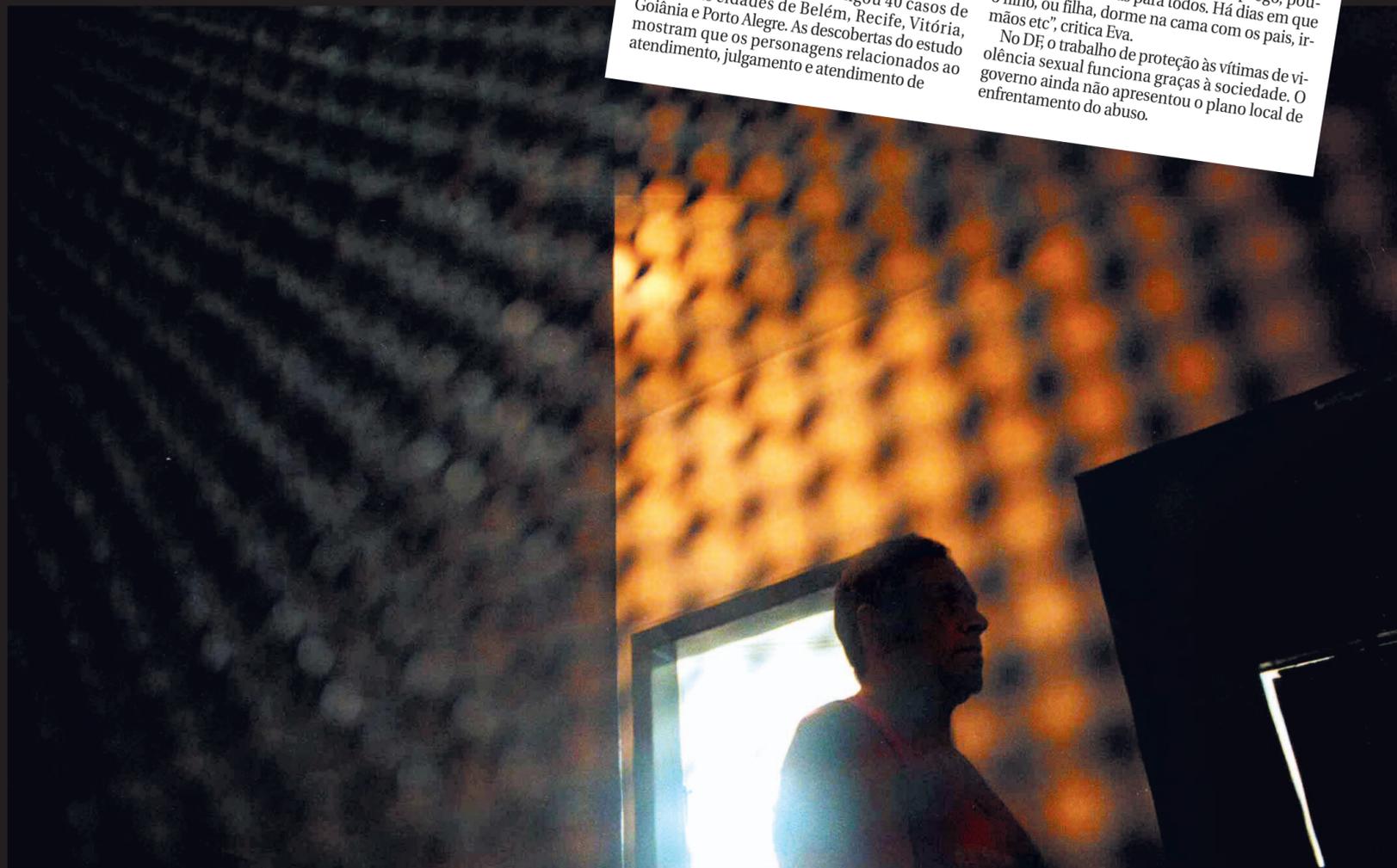
No DF, o trabalho de proteção às vítimas de violência sexual funciona graças à sociedade. O governo ainda não apresentou o plano local de enfrentamento do abuso.

### TRABALHO DESARTICULADO

Um estudo ainda inédito realizado pelo Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (Cecria) em cinco cidades brasileiras refletiu em estatísticas a já conhecida dificuldade para julgar e punir casos de abuso sexual. Durante 2001 e 2002, a equipe dos pesquisadores Eva e Vicente Faleiros investigou 40 casos de abuso nas cidades de Belém, Recife, Vitória, Goiânia e Porto Alegre. As descobertas do estudo mostram que os personagens relacionados ao atendimento, julgamento e atendimento de

### NA JUSTIÇA

Dos processos estudados, **15** estão parados na Justiça, **7** foram arquivados e **8** foram concluídos (o abusador foi absolvido em **5** deles). O restante ou foi arquivado por retirada de queixa ou ainda está em investigação pela polícia



MARCELO, 45 ANOS: PRESO PELA ACUSAÇÃO DE MOLESTAR AS DUAS FILHAS

## “Se houve alguma coisa, parece que os exames mostram isso, foi o meu filho”

Fui preso no dia 11 de janeiro de 2002. Um mês depois, numa segunda-feira, fui solto porque não tinham provas contra mim. Na quarta-feira, a minha esposa ligou para a polícia dizendo que eu tinha aparecido lá em casa para pegar as crianças. Fui preso de novo. Condenado a 26 anos. Tenho quatro filhos. Duas meninas e dois meninos. Hoje até pensei em mandar uma carta para o mais novo dizendo: 'Sabe que o pai tá preso porque a mãe, as tias e os tios disseram que andei mexendo na suas irmãs. Tu sabes que o pai jamais fez isso. Se qualquer pessoa falar alguma coisa, diga que é mentira.' Ela (*a mulher*) queria que eu sáísse de casa. Não gostava mais de mim. Falava que ia me preparar uma coisa para eu jamais esquecer. Sou um homem honesto, bem criado. Estudei até a 4ª série. Tenho seis irmãos mais novos. Jamais fiquei bêbado ou usei drogas. Trabalhava com lavoura. Minha família sempre foi ótima. Para falar a verdade, meu pai me batia quando ficava bêbado. Mas eu jamais bati nos meus filhos. Nunca quis ser assim. Sempre falei: vocês são meus alunos aqui em

casa. Se eu fizer alguma coisa errada, não vou poder cobrar depois. Eu trabalhava à noite e os guris ficavam em casa. Minha esposa estava com a mãe doente e deixava os guris sozinhos. Quando eu chegava em casa, às 6h30, estavam os dois guris dormindo no quarto, as duas meninas e o sobrinho dela. Se houve alguma coisa, parece que os exames mostram isso, foi o meu filho. Quando fui preso, a minha cunhada, casada com meu irmão, ligou pra mim e disse que passou um filme na televisão com pessoas se beijando. E a minha filha disse: 'tia, eu sei de tudo. O meu irmão me ensinou tudo isso aí.' Tenho certeza que ele mexia com a menina. As meninas confirmaram a história no processo porque foram mandadas. As minhocas que ela (*a cunhada*) dizia que eu colocava nas meninas eram as que eu criava no quintal. As meninas brincavam com aquilo ali, sentadas. Só fui perceber que tinha alguma coisa errada quando a minha esposa levou as meninas no médico e eu perguntei o que estava acontecendo. Tinha ficado com elas no feriado de fim de ano porque minha esposa viajou pra praia. Só voltou no dia primeiro. Daquele dia em diante ela levou as meninas no médico todos os dias. No terceiro dia eu estava achando demais. Aí fui atrás. Quando vi, ela estava entrando no IML. Eles bateram a porta na minha cara. Tudo foi tramado. Sempre tive uma relação normal com a minha mulher. Começou a ficar ruim de fevereiro de 2001 pra frente. A minha idéia é que ela já estava me traindo. Sou

inocente. Eu e minha esposa de vez em quando tínhamos uma discussão, mas nada de bater. Às vezes ela avançava em mim, mas eu nunca dei um tapa nela. O relacionamento com os meus filhos era bom. Onde eu ia levava eles. A pessoa, para fazer o que me acusam, não é normal. Meu pai nunca fez isso comigo. Estou preso há mais de um ano. Mas não aconteceu nada. Não fico com medo porque confio em Deus. No começo eles olhavam diferente, mas... Falam as coisas, mas eu não esquento. Não tenho medo de morrer aqui. Homem que é homem não tem medo. Penso muito nas minhas crianças. Tomei 26 anos de cadeia sem fazer nada. Se eu sair, vou embora para a roça. Não tenho raiva das minhas filhas. Tenho raiva é dela (*a mulher*). Não tenho vontade de matar. A pessoa tem que sofrer viva. Morto não sofre. Tenho vontade de sair daqui e ver ela presa para passar tudo que passo. Eu acordo umas 5 horas da manhã. Fico batendo pregador de roupa. Cada um ano de trabalho diminui três meses. Não vou ficar preso de graça. Sem brincar, jogar bola, abraçar a minha filha.

**MARCELO, 45 ANOS, CUMPRE PENA HÁ UM ANO E QUATRO MESES NA PENITENCIÁRIA DE CRIÇUAMA (SC). FOI CONDENADO HÁ 26 ANOS DE PRISÃO POR MOLESTAR SEXUALMENTE (COM AS MÃOS) AS DUAS FILHAS, QUE HOJE ESTÃO COM 4 E 9 ANOS. A DECISÃO DO JUIZ FOI BASEADA EM LAUDOS DO INSTITUTO MÉDICO LEGAL CONFIRMANDO O RELACIONAMENTO CARNAL**



# confissões de família

(AS MARCAS DO ABUSO SEXUAL)

## Vergonha assumida

**A** recuperação do abusador depende, antes de tudo, de ele admitir sua atitude como errada. E essa postura é incomum. O pedófilo, muitas vezes, defende sua atração por criança como algo natural. “Esse agressor, apesar de viver numa perversão, não admite ter problema”, explica Graça Pizá, diretora da Clínica Psicanalítica da Violência, no Rio de Janeiro.

Para entrar num processo de cura, o autor da violência precisa se incomodar com o ato. “Se ele tem questionamentos e angústias em relação ao que fez, a chance de recuperação é maior”, diz a psicanalista Paula Mancini Mello Ribeiro, presidente do Núcleo de Atenção à Violência (NAV), ONG ligada à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Desde 1996, a equipe do NAV recebeu cerca de 700 casos de violência contra criança e adolescente — 19% do total de atendimentos

foi a autores da agressão. Quase metade dos casos era de abuso sexual.

“O desejo por crianças é um vício semelhante ao do alcoolismo”, avalia a psicoterapeuta Tereza Vecina, do Centro de Referência às Vítimas de Violência do Instituto Sedes Sapientiae, de São Paulo. “O tratamento pode acontecer na medida em que se quebra o tabu da impossibilidade de controle dessa adição”, defende Tereza.

A terapeuta de família Vera Rodrigues atende 39 famílias envolvidas em casos de abuso sexual numa comunidade pobre de Porto Alegre. Além de tratar as crianças, a especialista oferece tratamento aos abusadores — em geral pais, irmãos ou padrastos — que estão à espera de julgamento.

Para Vera, o segredo do tratamento está em incentivar o agressor a identificar em que momento fica vulnerável a cometer o abuso. “Alguns precisam ficar longe da bebida, outros estão sozinhos com a criança. São estratégias de autocontrole simples e que dão certo”, ex-

plica a especialista.

Para Vera, a aceitação do tratamento por parte do abusador deve ser levada em conta no julgamento. Caso contrário, o agressor pode retomar a prática do abuso de uma forma ainda mais violenta. A maior parte dos presídios brasileiros não conta com apoio médico e psicológico para os detentos.

Os autores de crimes sexuais, sobretudo os cometidos contra crianças e adolescentes, são vistos como párias pelo “código de ética” dos presos. Dentro do sistema carcerário, é comum que esses presos peçam o chamado “seguro de vida” à direção do presídio com medo da execução.

### COMBATE À VIOLÊNCIA SEXUAL

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva assumiu o governo pedindo prioridade para o combate à exploração sexual. As formas mais comuns desse crime são o turismo sexual, a pornografia na Internet, a pedofilia e a chamada “prostituição infantil”. Leia a seguir, as principais medidas do governo federal nessa área:

- Foi criado um núcleo no Ministério da Justiça para coordenar os programas do governo.
- O TV Escola do Ministério da Educação treinará professores da rede pública para tratar das questões relacionadas com a sexualidade.
- As Delegacias Regionais do Trabalho passarão a atuar com as polícias Federal, Rodoviária Federal, Civil e Militar na fiscalização.
- A Polícia Federal receberá capacitação para lidar com as vítimas. Os cursos serão dados pela Secretaria Nacional de Segurança Pública.
- Os agentes do Saúde da Família receberão treinamento do Conselho Tutelar.
- Os programas do Ministério dos Esportes serão integrados à rede de atendimento. Projetos como o Navegar, que oferece aulas de canoagem, têm um efeito importante na recuperação da auto-estima.

### FERIDA SEMPRE ABERTA

No presente, o abuso destrói a infância. Transforma uma criança num pequeno adulto, com desejos inapropriados para sua idade. No futuro, o abuso é uma ferida que não cicatriza. O passado insiste em fazer-se presente. “Violência, uma vez cometida, nunca é esquecida. É possível minimizar seus efeitos”, explica Marlene Vaz, socióloga baiana e estudiosa do tema abuso sexual há 20 anos.

Um acompanhamento médico e psicológico faz diferença na construção de uma vida normal para meninas e meninos que viveram uma violência sexual. É possível driblar os traumas. Porém, a ansia por proteger os menores, para as vítimas de abuso que conseguem reconstruir suas vidas, torna-se uma obsessão.

Ser, finalmente, ouvida é o primeiro passo para escapar do universo de violência. Quanto mais cedo a criança descobrir que não é a culpada e a sedutora naquela relação, menores serão as sequelas levadas para a vida adulta.

O acompanhamento profissional precoce funciona como um redutor de traumas. “A criança, quando tratada, torna-se sujeito de suas ações, aprende a dizer não e, desde cedo, consegue viver a infância como ela deve ser”, avalia Graça Pizá, também pesquisadora do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Não há no Brasil estatística de quantas vítimas de violência recebem o privilégio do acompanhamento. Tampouco existe levantamento sobre a frequência da prática de abuso. A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia), ONG que firmou-se com a principal no país para receber denúncias de violência sexual registrava cerca de 220 ligações por dia. Muitos desses casos não davam por inconsistência da denúncia, desintegram a família ou por entraves nos processos de investigação e julgamento. Tais crianças continuam disponíveis ao desejo de seus abusadores e desprovidas da esperança de recuperar a vida e o direito de ser, simplesmente, criança.



HENRIQUE, 37 ANOS: VIOLENTADO NA INFÂNCIA, ABUSOU DA ENTEADA

## “Se eu fizer de novo, destruo a minha vida”

Cresci na Zona Leste de São Paulo. A primeira vez que eu fui abusado foi por um vizinho. Ele me levou para o meio do mato, me agarrou, tirou minha roupa, me violentou. Eu tinha uns 6 anos. Todo mundo ficou me chamando de mariquinha depois. Alguns anos depois, eu tinha acabado de me mudar, estava com uns 8 anos. Passando perto de uma construção, o segurança me chamou para ver uma coisa lá dentro e me violentou. Uma outra vez, um vizinho da frente de casa nos chamava para ouvir música na casa dele, e colocava a gente no colo, dava presentes, mas não passou disso. Ele tentou me agarrar, mas eu já era maior, tinha 12 anos, e me desvencilhei. Esse tipo de coisa, a gente tende a deixar quieto. Mas elas fazem muito efeito depois, nos relacionamentos. Eu sempre tive uma necessidade muito grande de me exibir. Durante o meu primeiro casamento, eu andava nu pelo prédio onde morava. Casei com 21 anos. Eu fazia alguns michês para comprar drogas e ela era minha cliente. Como ela tinha boas condições, disse que me bancava se eu casasse com ela. Topei. A gente usava droga para fazer sexo. Fomos presos três vezes roubando. Ela era cleptomaniaca. Eu tive minha primeira overdose com 18 anos numa festa. Foram três graves, com parada,

hospital e tal, que eu me lembre. Trabalhei em rádio durante muito tempo, eu era radialista. Eu sempre tive um comportamento muito promíscuo. Se uma ouvinte gostasse da minha voz, eu ia passar a noite na casa dela sem pensar em nada. Quando eu me casei pela segunda vez, tinha 25 anos. Ela é uma mulher que tem um apetite sexual que não dá para segurar. Pelo comportamento dela, eu tenho plena convicção de que também sofri abuso. Ela tinha quatro filhos, um de cada homem diferente. Eram três meninas e um menino. Foi com eles que tudo aconteceu. Eu lutei contra o meu desejo por crianças por um tempão. Me trancava no banheiro chorando. Eu me sentia culpado. O que eu queria, num primeiro momento, era ser pai. Eu estava alcoolizado, mas não é desculpa. O álcool só libertou uma vontade que eu já tinha. Deu coragem. Quem sofreu o abuso mesmo foi a Carla, que tinha uns seis anos. Eu tinha 28. Aconteceu por uns cinco meses direto. Nunca transei com ela, mas eu bolinava e mexia na intimidade dela. No começo, sei que eu fazia quando bebia. Depois, não sei mais. Não sei se era a adrenalina. Eu acho que ela achava normal. Ela gostava. Depois de um tempo, começou a pedir para eu brincar mais com ela. Fui denunciado pelas tias das crianças. A Carla estava conversando com as irmãs sobre o que acontecia com ela. As tias ouviram a conversa. Quando eu soube que tinha que ir à delegacia, pensei que havia chegado a hora de acabar com aquela palhaçada. Eu já me dava como morto, ia ser preso e um abraço. Eu fui com vontade de ser preso e de morrer. Mas, quando cheguei lá,

neguei o tempo inteiro. Antes de ir para a delegacia, conversei com as crianças para pedir desculpas, para dizer que eu ia ser preso, morrer, mas que a culpa não era delas. Pedi que ainda me amassem. Como pai. No mesmo período em que rolava a investigação para eu ser preso havia um processo, movido pela minha mulher e pelas crianças, para eu ser o pai adotivo delas. O processo que continuou foi o de atentado violento ao pudor. Depois de muito tempo, abri o jogo com a psicóloga do juiz. Eles me mandaram para um tratamento, mas o juiz determinou que eu nunca mais poderia ver as crianças. Aquilo foi a morte para mim. Eu sabia que elas iam perder a única referência de pai que poderiam ter na vida. Tenho hoje 37 anos. Estou em tratamento há sete anos. Eu não sei por que cargas d'água o juiz e o promotor me deram a benção de não ser preso. Foi o tratamento que me permitiu colocar a vida nos eixos. Hoje eu estou casado novamente. Tenho uma mulher maravilhosa, que sabe de tudo, e um filho de um ano de três meses. Sei que eu não estou curado. Eu tenho um descontrole que me leva a isso. Mas eu não bebo nem uso mais drogas, não me permito mais passar do limite. O que me pára mesmo é a consequência. Hoje, eu tenho muito a perder. Se eu fizer de novo, destruo minha vida, e das pessoas que me amam, principalmente a do meu filho.

**HENRIQUE, 37 ANOS, MORA EM SÃO PAULO E TRABALHA EM PROJETOS DE SOLIDARIEDADE, ESPECIALMENTE OS QUE TRATAM DE ALCOOLISMO**

8

CORREIO BRAZILIENSE • Brasília, sábado, 17 de maio de 2003



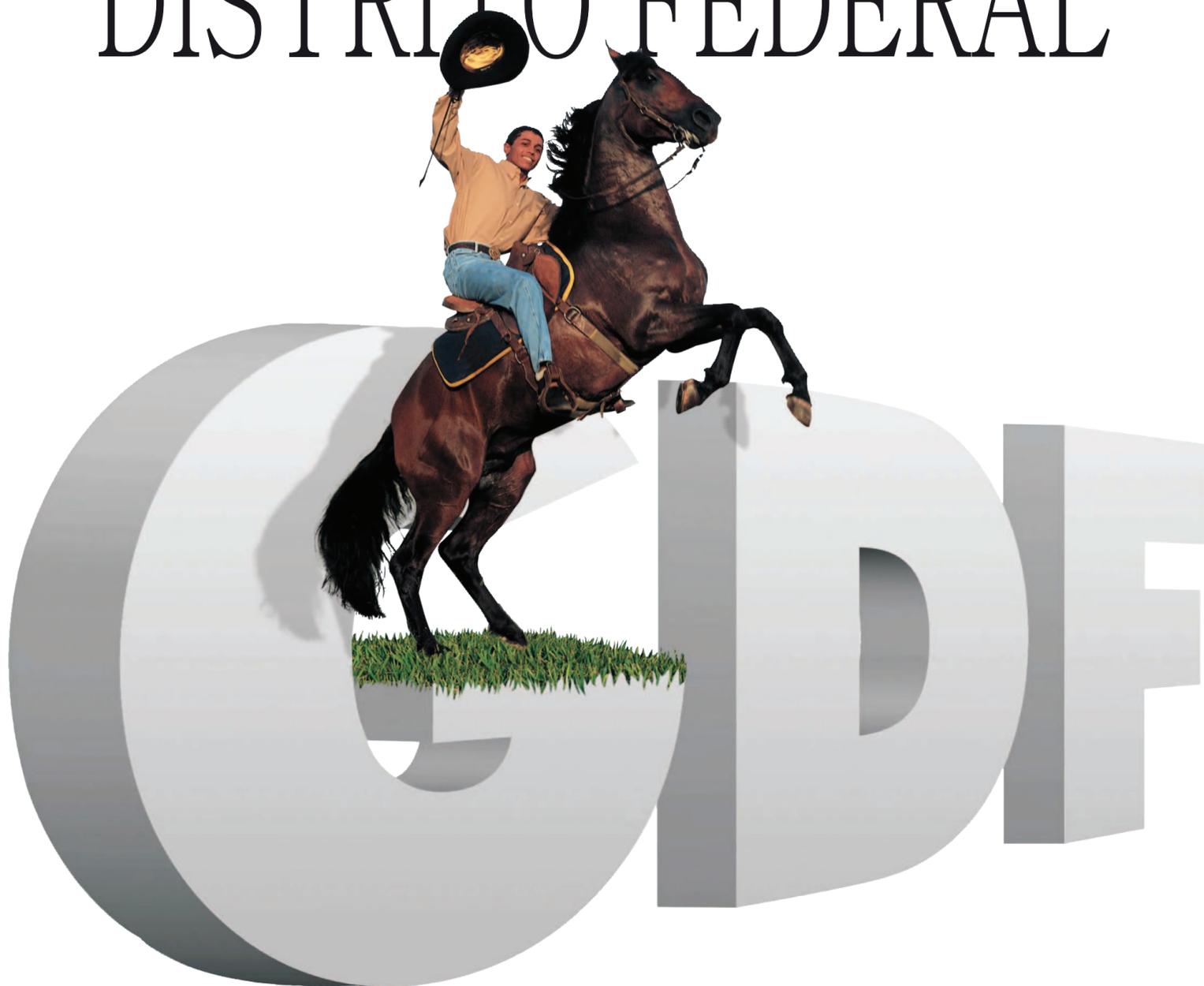
O PROJETO QUE DEU ORIGEM A ESTA REPORTAGEM FOI O VENCEDOR DA CATEGORIA JORNAL DO CONCURSO TIM LOPES PARA PROJETOS DE INVESTIGAÇÃO JORNALÍSTICA, REALIZADO PELA ANDI E INSTITUTO WCF BRASIL, COM APOIO DA FENAJ E DO UNICEF

DIRETOR DE REDAÇÃO: JOSEMAR GIMENEZ // REDATORA-CHEFE: ANA DUBEUX // EDITOR-EXECUTIVO: CARLOS MARCELO // EDITORA: MARIA CLARICE DIAS // EDITOR DE ARTE: FABIO SALES // EDIÇÃO DE FOTOGRAFIA: LUIZ TAJES

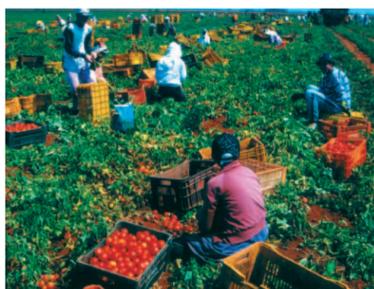




# NOVO GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL



QUATRO MESES DE MUITO TRABALHO  
PARA O DESENVOLVIMENTO NO CAMPO



**Uma vida cada vez  
melhor no campo.**



**O novo Governo do Distrito Federal começou o ano com uma grande medida para combater a pobreza e melhorar a vida de quem mora no campo: criou o Pró-Rural Social. O GDF vai distribuir alimentos para as famílias carentes também na área rural. Vai melhorar as condições da educação e da saúde. Vai levar esporte e lazer a quem vive no interior. E vai estimular o desenvolvimento do artesanato. O que o GDF quer mesmo é melhorar muito as condições de vida de quem ajuda o nosso desenvolvimento: os produtores rurais. Com o apoio do GDF, nossa produção agrícola e pecuária está indo muito bem. A última exposição na Feira do Torto provou isso.**

